

ESCUA NO ESPAÇO ESCOLAR: A POSSIBILIDADE DE UM NOVO OLHAR PARA OS ADOLESCENTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

LISTENING IN THE SCHOOL SPACE: THE POSSIBILITY OF A NEW LOOK FOR ADOLESCENTS OF YOUNG AND ADULTS EDUCATION

**Josiane de Oliveira Pereira¹
Gisele Dhein²**

Resumo

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Ensino Fundamental a cada ano recebe uma demanda maior de alunos entre 15 e 18 anos incompletos. Quando iniciam os estudos, são olhados pelos professores e direção da escola como os que não ‘deram certo’ durante o dia, que não querem estudar, os ‘evadidos’ e rebeldes. A escuta no espaço escolar pode possibilitar uma mudança na percepção dos professores. Dessa forma, esta pesquisa objetivou identificar e compreender como ocorre a escuta dos adolescentes estudantes da EJA. Participaram da pesquisa 9 estudantes do 8º e 9º da EJA, de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental de um município do Vale do Taquari/RS, todos com idade de 16 anos. Solicitou-se que os estudantes redigissem uma carta, apresentando-se. Após, realizou-se o grupo focal. Para análise dos dados, utilizou-se a metodologia de Análise de Conteúdo, proposta por Bardin. Ficou evidenciado que os adolescentes procuram essa modalidade de ensino com o objetivo de recuperar os anos de reprovação e finalizar o Ensino Fundamental. Outro motivo é a necessidade de trabalhar. Percebe-se que em algumas situações são escutados, entretanto, geralmente são apenas ouvidos. Compreende-se, dessa forma, que na maioria dos casos os docentes apenas ouvem as palavras dos alunos, sendo um ato oposto do escutar. A escuta no espaço escolar pode significar a possibilidade de relacionar-se de forma amistosa e uma maneira de respeitá-los. Pode-se pensar em espaço na escola para a escuta através de rodas de conversa, escutas individuais e a criação de caixa de sugestões.

Palavras-chave: EJA, escuta, ouvir, espaço escolar

Abstract

The education of young and adult students of elementary teaching in every year receiver a greater demand of students between fifteen and incomplete eighteen years old. When they start the studies are looked by teachers and direction of the school

¹ Graduanda de Psicologia. Universidade do Vale do Taquari - Univates.

² Graduada em Psicologia pela UNISC. Mestre em Psicologia, área de concentração Psicologia Social, PUCRS. Docente da Universidade do Vale do Taquari - Univates.

like those that didn't work during the day, that didn't study, the "evaded" and the rebellions. The listening in the school space can enable a change in the teachers perception. That way this research aimed to identify and understand how occurs the listening of the teens students of EJA. Participated in the research nine students of eight and ninth year of EJA of a municipal school of elementary school in Vale do Taquari/ RS a with sixteen years old. Students were asked to write a letter to introduce themselves. Then the formal group was formed. To analyze the datas, the methodology of content analysis was used proposed by Bardin. It was evidenced that adolescents need this modality of teaching with the objective of recovering the years of disapproval and finishing the elementary school. Another reason is the need of work. Another reason is the need of work. It's visible in some situations they are listening, however, they are usually only heard. It's understood, in this only hear the words of the students, being on opposite act of listening. The listening in the school space can mean the possibility of relating in a friendly way and a way of respecting them. It can be think of space in the school for the listening through the wheels of conversations, individual listening and the creation of boxes of suggestions.

Keywords: Education of young and adult students, listening, hear, school space

Introdução

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Ensino Fundamental a cada ano recebe uma demanda maior de alunos entre 15 e 18 anos incompletos. Esses adolescentes procuram essa modalidade de ensino com o objetivo de recuperar alguns anos perdidos devido a repetências, pois a EJA possibilita finalizar os estudos em menos tempo, e pela viabilidade de conciliar com o horário de trabalho, o qual em geral é no turno diurno. Quando iniciam os estudos nessa modalidade de ensino, que ocorre no turno da noite, são olhados pelos professores e direção da escola na comparação com os estudantes que frequentam a escola durante o dia, caracterizando-os como os que não 'deram certo' durante o dia, que não querem estudar, os 'evadidos' e rebeldes.

Apesar dos apontamentos depreciativos em relação aos jovens, é perceptível a necessidade de cada aluno em estudar, trazendo consigo uma história de vida, que, em alguns casos, apresenta um histórico de reprovações. Dessa forma, a escuta no espaço escolar pode possibilitar uma mudança na percepção dos professores em relação aos estudantes. Contudo, mais do que considerar importante a escuta desses alunos, é preciso investigar como ela acontece no espaço escolar.

Para pensar o campo escolar, problematizando a escuta do adolescente estudante da EJA, iniciamos a presente pesquisa buscando informações em bases de dados de revistas científicas. A partir dessa consulta, constatou-se que não há estudos específicos sobre a escuta do adolescente da EJA. Dessa forma, esta pesquisa objetivou identificar e compreender como ocorre a escuta dos adolescentes estudantes da EJA, ampliando com isso o olhar referente a essa modalidade de ensino, possibilitando a problematização e debates acerca da escuta desses alunos.

Metodologia

Para alcançar o objetivo de identificar e compreender como ocorre a escuta dos adolescentes estudantes da EJA, a pesquisa é de abordagem qualitativa. Para Bardin (2011) a pesquisa qualitativa remete a uma coleta mais intuitiva. Entretanto, se apresenta também mais flexível e de fácil adaptação a indícios imprevisíveis. Dessa forma, leva em conta os conteúdos obtidos durante a pesquisa e não a quantidade de enunciados, discursos ou expressões.

Participaram da pesquisa 9 estudantes do 8º e 9º da Educação de Jovens e Adultos (EJA), de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental de um município do Vale do Taquari/RS, todos com idade de 16 anos. Inicialmente a pesquisa seria em duas escolas. No entanto, optou-se por realizar a pesquisa em apenas uma das escolas do município, devido ao fato da estudante pesquisadora ter vínculo empregatício com uma das instituições de ensino, o que poderia influenciar na análise dos dados.

Esta pesquisa, por envolver seres humanos, seguiu os preceitos éticos da Resolução 466, de dezembro de 2012 e foi encaminhado e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa, tendo sido aprovada pelo protocolo CAAE 80975217.9.0000.5310. Os preceitos éticos com os participantes da pesquisa foram definidos e acordados através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assinado pelos pais ou responsáveis dos pesquisados; pelo Termo de Assentimento, assinado pelos participantes, e pela Carta de Anuência, assinada pelo secretário de educação do município. Na análise e discussão dos dados, os adolescentes estão mencionados por nomes fictícios, assegurando o direito de não revelar sua identidade.

A coleta de dados aconteceu no mês de abril de 2018, através da escrita de uma carta e do grupo focal. A carta colaborou para coletar as informações que ajudam a caracterizar os adolescentes da EJA. Para isso, foi entregue uma folha na qual constavam as seguintes instruções: *“Escreva uma carta contendo seu nome, idade, série/ano que está cursando, a quanto tempo estuda na EJA e qual o motivo para você estar estudando na EJA e não no ensino regular.”* O grupo focal é uma técnica que possibilita compreender como determinados grupos pensam a respeito de algum assunto, permite também conhecer as crenças, representações, percepções, hábitos, valores, linguagens, simbologias, restrições e preconceitos dos participantes em relação a uma certa temática (Gatti, 2005). O grupo focal foi realizado posterior à escrita da carta. A escolha por este instrumento ocorreu, pois o mesmo contempla o objetivo de entender a partir da fala dos adolescentes, como acontece a escuta no espaço escolar. Como pergunta disparadora para o grupo solicitamos *“Contem como escutam vocês quando precisam falar sobre qualquer assunto, manifestar algo com alguém na escola?”*. Utilizamos os demais questionamentos como: *Quem é/são a(s) pessoa (s) que escutam vocês? Como vocês acham que poderia ser essa escuta? A forma que escutam vocês influência na relação com essa pessoa? Como gostariam que fosse essa escuta?* As falas do grupo, com duração de 48 minutos, foram gravadas com gravadores de áudio e, posteriormente, transcritas.

Para apreciação dos dados obtidos na pesquisa, as pesquisadoras utilizaram a metodologia de Análise de Conteúdo de Bardin (2011), a qual objetiva pensar o conteúdo que se produz a partir de respostas a questões levantadas durante entrevistas. Nesse sentido, foram identificadas duas categorias para análise: *Os*

sujeitos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e O ouvir e o escutar no espaço escolar.

Os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos (EJA)

O direito do cidadão à educação estão garantidos por Lei, através da Constituição Federal (1988), em parceria com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) (1996). A legislação aponta para o direito à educação e a obrigatoriedade das crianças e jovens entre a idade de 04 aos 18 anos incompletos em frequentar a escola. Ainda, as referidas Leis indicam as seguintes idades como ideais para cursar cada etapa: Educação Infantil (4-5 anos), o Ensino Fundamental (6-14 anos) e o Ensino Médio (15-17 anos), finalizando a Educação Básica. Entretanto, muitos adolescentes não conseguem concluir os estudos na idade sugerida, e acabam encontrando uma alternativa ao cursar a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Essa modalidade de ensino visa oportunizar o estudo aos sujeitos que não tiveram acesso à educação durante a infância e a adolescência (Althof & Filho, 2016).

Há vários motivos para que os alunos procurem a EJA, entre eles fatores afetivos, socioeconômicos, culturais e cognitivos (Flach et al., 2012). A partir das cartas escritas pelos alunos ficou evidenciado que procuraram essa modalidade de ensino com o objetivo de recuperar os anos de reprovação e finalizar o Ensino Fundamental, pois na EJA é possível cursar duas séries em um ano; outro motivo é a necessidade de trabalhar. Dos estudantes participantes da pesquisa, 4 estão no 8º ano e 5 no 9º ano. Quanto ao tempo, 5 alunos cursam a EJA há 1 ano, 1 cursa há 2 anos e 3 cursam há 2 meses da data da pesquisa. O período que frequentam essa modalidade de ensino não influenciou nas respostas dos pesquisados. Todos os estudantes apresentavam 16 anos de idade.

Apesar da iniciativa de continuar a estudar para concluir o Ensino Fundamental, na visão dos estudantes os professores os identificam como aqueles “sem futuro”, conforme afirma Vitor “*eles acham que tu não tem futuro, porque em uma escola normal, turno integral, tu, eles não te tratam assim, o professor sabe que talvez no futuro tu pode ser um advogado, um psicólogo uma coisa assim, aqui eles acham que não. Porque tu tá fazendo um EJA uma coisa assim. Eles acham que não tem um futuro.*”

Os jovens são apontados pela mídia, sociedade e pela comunidade escolar como aqueles que não aproveitaram a oportunidade de concluir os estudos no tempo definido como correto (Brunel, 2014). Ainda, para autora, são vistos pela sociedade como sujeitos fora dos padrões sociais. Na mídia sua imagem está atrelada ao uso de drogas, a questões de violência, doenças sexualmente transmissíveis e a gravidez precoce. Essas também são visões dos docentes, funcionários e direção da escola em relação ao jovem estudante da EJA participantes da pesquisa, conforme aponta Maicon, “*aí, que nem tu vai ali falar alguma coisa, cobrar alguma coisa deles, eles jogam na cara, a tu estuda de noite na EJA, nem merenda deveria ganhar*”.

A fala do aluno sinaliza a forma depreciativa que são vistos na escola. O simples fato de ser estudante do turno da noite, o coloca em uma posição de fracasso, pois na visão dos professores e direção estão na EJA, porque não conseguiram passar de ano no turno diurno, obtendo um insucesso. Os adolescentes verbalizam que na visão dos docentes a obrigação dos jovens é terminar o Ensino

Fundamental, sendo que suas participações, sejam em opiniões ou ações na escola, parecem não ser bem vindas.

Sabe-se que há estudantes que não atingem de forma satisfatória determinados saberes e competências impostas pela escola e, por isso, acabam sendo julgados como os malsucedidos (Brunel, 2014). Vitor entende que: “[...] *assim, tem casos que realmente, tem uns que fazem coisas erradas mereciam mesmo, mas todos acabam pagando o pato. Ai! se iguala a ti, tipo aa o problema é teu. Por coisas que pessoas cometem*”. Os adolescentes reconhecem que há alunos que possam ou fazem coisas erradas, como desrespeitar professor e fumar cigarro na escola, ou mesmo não atingem as aptidões exigidas pela instituição de ensino; contudo, acreditam que não deveriam olhar como se todos apresentassem atitudes erradas. Muitos dos adolescentes objetivam concluir os estudos para ter melhores oportunidades na vida. “*Talvez só porque a gente é da EJA*”. Érika também percebe, que o simples fato de estudar na EJA, já os coloca em uma posição de ser criticados. A aluna ainda aponta “*muitas vezes eles reclamam dos alunos não terem respeito com eles, mas às vezes eles não tem paciência com os alunos*”.

Uma maneira de olhar para os adolescentes da Educação de Jovens e Adultos de outra forma, e amenizar a relação entre docentes e discentes, é buscar conhecer sua história de vida e histórico escolar, antes de qualquer julgamento. Para Brunel (2014):

Os professores da EJA se deparam diariamente com jovens que possuem um histórico de repetências, de abandono da escola, desmotivados com a instituição e com eles próprios. Na maior parte das vezes, atribuem exclusivamente a si um fracasso que não é só deles. O problema é que tal fato pode se constituir num entrave para um possível sucesso escolar (p. 28).

Se faz necessário, inicialmente, não caracterizar o jovem como o que não se interessa e não quer estudar (Leão, 2015). Antes de atribuir o fracasso escolar apenas ao estudante, precisa-se entender que ele pode ser um sujeito que enuncia falhas dos sistemas de ensino. Além disso, é preciso reconhecer que suas atitudes consideradas fora das regras escolares, podem estar atreladas à adolescência, seu estágio do desenvolvimento, causador de mudanças corporais e emocionais. As mudanças psicológicas, biológicas ou sociais ocasionam uma confusão no jovem, pois em alguns momentos ficam perdidos entre recentemente ter saído da infância, estar vivenciando a adolescência e sofrerem com a cobrança de começar a se comportar como adultos. O adolescente pode se angustiar, pois está passando por uma fase de transformações que ainda desconhece e aos mesmo tempo são questionados pelos adultos (Dolto, 2004). Ao interpretar esse período devem ser observadas condições psicológicas, socioculturais e intelectuais (Meinerz, 2009). Ou seja, é necessário entender o adolescente a partir dos diversos campos de transformação.

Uma maneira de reconhecer esses jovens por um viés que não o do insucesso escolar e rebeldia seria permitir a escuta de sua história de vida, suas angústias, desejos e perspectiva para o futuro. Para Vicente os professores deveriam: “*escutar primeiro para depois julgar a gente*”. A participação da figura adulta na vida do adolescente contribui para prolongar a passagem pela adolescência, dependendo do que projetam neles e dos limites impostos pela sociedade (Dolto,

2004). Esse adulto pode ser representado pelos pais, familiares e professores. Essas pessoas desempenham um papel de apoio e compreensão do adolescente neste período de transição. Para Dolto (2004):

As pessoas que cercam os jovens exercem um papel muito importante na educação deles durante esse período, embora não estejam encarregados diretamente da sua educação, tudo o que elas fazem podem favorecer o desenvolvimento e a confiança em si e a coragem de superar suas impotências, ou, ao contrário, vêm o desânimo e a depressão (p. 16).

No espaço escolar, professores, direção, estudantes, trabalhadores podem ser considerados como personagens importantes no apoio ao adolescente durante o estágio de seu desenvolvimento, proporcionando a eles espaço de fala para que exponham suas ideias, dúvidas e afirmações sobre qualquer assunto. Além de estar apoiando esses sujeitos, será uma oportunidade de conhecer os adolescentes da escola. Parte dos professores da EJA acabam vendo o estudante adolescente a partir de estereótipos produzidos pela sociedade, tendem a perceber o aluno de uma forma difamatória, não se permitindo conhecer a realidade do jovem que frequenta a escola (Dayrell, 2015). Entretanto, para conhecer esses alunos não basta identificar idade, se são do gênero masculino ou feminino. Conforme Cunha (2012):

[...] Torna-se fundamental “admirá-los” a fim de que, reconhecendo-os como sujeitos, o diálogo amplie nossas visões a seu respeito e aprofunde-as. O objetivo é que, conhecendo nossos educandos a fundo, possamos compreendê-los efetivamente como sujeitos, protagonistas, com suas concepções sobre a vida e o mundo, com suas histórias, dúvidas e conhecimentos, valorizando a diversidade dos sujeitos da EJA como prerrogativa importante para a democratização da escola pública (p. 114).

É preciso perceber esses alunos a partir de sua história de vida, entendendo os múltiplos fatores que os levam a estar nessa modalidade de ensino, e não ter concluído o Ensino Fundamental na idade indicada pela lei. Quando se fala em educação de jovens e adulto, é fundamental que a escola reconheça a diversidade dos estudantes, os quais apresentam diferentes experiências sociais e culturais (Althof e Filho, 2016). O que significa escutá-los antes de qualquer julgamento depreciativo.

O ouvir e o escutar no espaço escolar

Para pensar a escuta no espaço escolar não pretendemos utilizar conceitos da psicanálise, a qual busca entender através da escuta a estrutura psicológica do sujeito. Ou a escuta jurídica, que pretende encontrar as verdades do sujeito. Pretendeu-se nesta pesquisa pensar a escuta como uma ferramenta para entender o sujeito aluno a partir de sua estrutura sociológica e pedagógica.

Com o intuito de situar o leitor quanto à escuta, explicaremos a partir de que concepção de escuta estamos analisando as falas dos adolescentes. Para isso, é

importante diferenciar o entendimento de ouvir e escutar. Quando se fala em ouvir refere-se ao ato de entender e perceber o que é dito pelos sentidos da audição, remetendo mais pontualmente ao ouvido (Bastos, 2009). Diferente do escutar, que para Brunel (2014) é quando o diálogo existe, quando há espaço para a escuta, e essa deve acontecer com respeito, amor e cuidado. Ainda, para a autora:

Escutar é mais que ouvir, é tentar, pela fala do outro, entendê-lo na sua inteireza, prestar atenção nos seus gestos, nos momento em que sorri ao lembrar de algo ou de tristeza pela dor que aquelas palavras causam. É prestar atenção nas emoções que as palavras suscitam, como alterações de vozes, sensação de conforto ao dizê-las (p. 33).

A escuta não é simplesmente emprestar os ouvidos, é uma construção de quem fala e de quem escuta. Quem fala quer ser olhado, sem ser julgado e quem escuta deve demonstrar interesse à história desse sujeito que está diante de si. Inicialmente, durante o grupo, os adolescentes verbalizam que são escutados *“bom eu não tenho do que reclamar porque, quando a gente precisa de alguma ajuda ahmm ou algum conselho eles sempre conseguem ajudar de uma maneira civilizada. Não com um tom mais grosso”*. Érika afirma que são ouvidos quando precisam, o que não significa ser escutado. Quem procura ser escutado quer ser olhado, acolhido e entendido não somente pela fala, mas de forma completa. Vítor aponta outra experiência: *“por exemplo teve uma aula, que eu fui expor, na verdade eu não fui expor nada, estavam todos conversando e eu fui falar uma coisa ali, na frente de todo mundo a professora começou me xingar, que o dia que eu tiver a graduação dela eu posso falar alguma coisa”*. Quando não há espaço para dialogar, refletir e se comunicar, se trabalha em uma lógica de autoritarismo (Brunel, 2014). *“Escutam mais os professores que os alunos”* (Maicon) e *“o professor está sempre com a razão, os alunos estão sempre errados”* (Júnior). Muitas vezes os alunos querem ser escutados, mas são barrados por um distanciamento de quem pode ou não falar, e se não pode ao menos verbalizar o que pensa, obviamente não haverá escuta. Alan relata que *“tem professor que nem escuta só quer dar aula”*.

Com as falas expostas acima, poderia se pensar que não há um espaço para escuta na escola. Entretanto, para Érika *“existe uma grande diferença entre um professor e outro, uns te dão atenção, uns te escutam”*. Tati afirma *“O bom do EJA daqui é que, diferente do outro da outra cidade que eu morei, aqui na segunda tem... caso vocês esteja passando por alguma coisa, tem uma professora especializada para escutar caso você precise esteja mal alguma coisa na família, tem uma aqui para te escutar, durante a noite ela te dá conselho”*.

Os estudantes durante a realização do grupo colocam em foco a necessidade de serem escutados, principalmente pelos professores, o que posiciona o professor como alguém que pode desempenhar essa tarefa de escutar os anseios dos alunos, as opiniões, suas angústias para que assim sintam-se aliviados. Nas sociedades ocidentais modernas a escuta se tornou algo especializado, devendo ser praticada por especialistas como juízes, delegados, pedagogos, médicos, assistentes sociais e psicólogos. Cada especialidade utiliza seus princípios éticos e de enquadre (Arantes, 2012). A escuta dos adolescentes no espaço escolar não exige um especialista, pode ser realizada por um professor, diretor, secretária, entre outras

pessoas. Em geral, os alunos escolhem alguém que lhe permite falar, sem julgá-lo. O que desejam é ser escutados. Suas opiniões, sugestões e angústias devem ter espaço, como verbaliza Alan: *“Acho que eles assim da direção poderiam chegar ali na sala e pedir, eles só chegam ali e dão avisos, mas não pedem bá como está a escola, como está isso, como está o atendimento”*. Esta fala demonstra que os estudantes querem espaço para ser escutados e opinar; é possível pensar o quanto essas opiniões poderiam ser valorosas para a organização da escola, colaborando para uma relação amistosa entre os sujeitos. O professor pode oportunizar ao adolescente espaço para que expressem seu ponto de vista em relação a determinados assuntos, estimulando mesmo aqueles que nada verbalizam, pedindo a opinião deles (Dolto, 2004).

Em geral a escuta é colocada como algo que torna a relação diferente e pode remeter ao respeito entre as partes: quem fala e quem escuta. Júnior comenta que *“Uma firma de calçados, por exemplo, que deveria ter mais, eles teriam que estar mais em cima, eles tem mais respeito, escutam mais que uma escola. Eles deviam ser mais fortes, mais firmes com as pessoas e eles escutam mais do que aqui na escola”*. A partir da exemplificação de Júnior, ele pode estar indicando que os alunos esperavam ser mais respeitados na escola, entretanto, isso não acontece. Indicando que se fossem escutados se sentiriam mais respeitados. Maicon relata que *“o professor só sabe falar, falar, falar. A diretora e os outros também, só sabem falar”* e ainda afirma: *“Tu fala uma coisa ruim, daí ela diz então tá pega tua matrícula e vai para outra escola [...]”*. Cauan também percebe essa falta de escuta: *“Aqui se tá bom tá, se não tá vai procurar outro lugar para estudar”*. Esta é uma fala que representa uma indiferença dos professores e direção em relação ao estudante adolescente. Elias mencionou ter passado por uma situação, em que considera nem mesmo ter sido ouvida sua explicação a respeito de algo ocorrido na sala de aula *“que nem eu oooo estava fazendo meus trabalhos quieto, pedi para ir ao banheiro, e a professora falou que eu estava jogando bolinha, mandou eu ajuntar as bolinhas que nem fui eu quem jogou”*.

Para Brunel (2014) é relevante escutar os jovens, pois a escuta permite repensar os rótulos de fracasso escolar, atribuídos aos adolescentes da EJA, proporcionando olhar para esses alunos como sujeitos no desenvolvimento pedagógico. No entanto, os professores e direção precisam se abrir para escuta desses sujeitos e buscar compreendê-los. Proporcionar a escuta desses adolescentes no espaço escolar é uma maneira de se aproximar deles, permitindo que possam falar dos motivos que estão envolvidos na sua rebeldia, inquietação, ou insucesso escolar.

Ao longo da discussão no grupo focal, os alunos trouxeram em diversas falas o anseio por serem escutados, e em muitas evidenciam a não escuta na instituição de ensino. Contudo, houve falas que apresentaram a existência, mesmo que em poucas situações, que algumas pessoas escutam eles na escola e não falaram de um ouvir o que lhes é dito, mas de fato uma escuta dos seus gestos, como Júnior revela de uma docente: *“às vezes ela passa prova tu não, te deu um branco, ontem por exemplo. Ela passou uma prova tinha me dado um branco ela deixou eu ir na secretaria, eu fui estudei voltei e fiz a prova de boa”*. Uma atitude simples que representa um escutar e entender o aluno nas suas necessidades, mesmo na ausência da fala, ao prestar atenção nos gestos do estudante. Vitor comenta *“eu precisei, eu passei mal na escola, eu precisei da cozinheira ela fez um chazinho ela me ajudou”*, demonstrando mais uma vez a importância da escuta, mesmo na ausência das palavras. É um olhar para o outro e prestar atenção nas suas necessidades.

O ato de escutar nos costumes dos gregos estava vinculada ao cuidado de si, sendo o primeiro ato da ascese, o que permitia ao sujeito falar e proporcionar a verdade ao outro (Arantes, 2012). Na escola o ato da escuta não deve ser o de buscar verdades do estudante, e sim um ato de permitir que fale. Ainda para a autora, “para escutar, como se deve, para que a alma acolha a palavra que lhe é endereçada, é fundamental uma economia dos gestos e palavras, um silêncio ativo e um certo recolhimento, que se opõe à tagarelice” (Arantes, 2012, p. 94). Ou seja, a devolução de quem escuta não precisa ser com opiniões, críticas ou conselhos, pode ser com gestos, como o da professora que percebe a dificuldade do aluno em realizar a prova ou da percepção da merendeira, que faz um chá quando o aluno está adoentado.

Considerações Finais

A partir da fala dos adolescentes foi possível perceber que em algumas situações são escutados, como na atitude da professora e da merendeira, entretanto, na maioria das ocasiões são apenas ouvidos, o que significa que não prestam atenção nas suas verbalizações. Compreende-se, a partir de suas verbalizações, que na maioria dos casos os docentes apenas ouvem as palavras dos alunos, sendo um ato oposto do escutar, que seria dar atenção nas frases ditas pelos estudantes, buscando entender as angústias que estão por trás de cada palavra. Evidenciam a necessidade e um querer desses jovens estudantes, em ter um espaço de escuta para falar sobre suas angústias e inquietações. Em muito, essa carência pode surgir a partir de uma falta de entendimento dos docentes e direção da escola, da necessidade dos alunos em serem acolhidos, e um suplício para que os reconheçam como alguém com um futuro, antes de julgá-los com características depreciativas. Além disso, acreditam que são injustiçados quando não podem expor sua opinião.

As palavras dos estudantes não significam que estão falando mal da escola ou professores, e sim se aproxima mais de uma solicitação por espaço de fala, ou seja, querem ser escutados. Esse pedido não é algo extraordinário, só querem ser escutados, para que possam dar suas sugestões. Quando há espaço para escuta seria o mesmo que dizer que existe diálogo entre os sujeitos da escola, se distanciando dos modelos tradicionais de ensino, em que professor é a autoridade máxima da escola e o discente alguém que deve apenas desenvolver as atividades propostas sem opinar. A escuta proporciona a oportunidade ao docente de conhecer a história de vida do adolescente, e entender as múltiplas realidades existentes, e que em diversas ocasiões o mesmo pode estar agitado devido ao cansaço, a questões emocionais ou de trabalho.

Escutar esses alunos no espaço escolar pode significar a possibilidade de relacionar-se de forma amistosa e uma maneira de respeitá-los. Essa escuta é benéfica, não só para o aluno, mas também para o docente que pode através dessa entender as reações do estudante no espaço escolar. Ao conhecer o estudante é possível realizar combinações, sobre funcionamento da escola, o papel do aluno entre outras, sem haver brigas, mas de forma a dialogar. Os adolescentes não mencionam com que dispositivo querem ser escutados, com isso, pode-se pensar em espaço na escola para a escuta através de rodas de conversa, escutas individuais e a criação de caixa de sugestões.

Referências

- Althof, F., & Filho, L. J. M. (2016). Mapeamento do estudante de ensino médio da Educação de Jovens e Adultos da rede estadual de ensino de Santa Catarina: cenários e perspectivas. *Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos*, vol. 4, n. 8, 2016.
- Arantes, E. M. de M. (2012). Escuta. In: Fonseca, T. M. G., Nascimento, M. L. do & Maraschin, C. (Orgs). *Pesquisar na diferença: um abecedário*. Porto Alegre: Sulina.
- Bardin, L (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70. p.123-168
- Bastos, A. B. B. I. (2009). A escuta psicanalítica e a educação. *Psicol inf.*, São Paulo, (v. 13, 13a ed., p. 91-98). Recuperado em 17 de maio, 2018, de <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-88092009000000006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 17 maio 2018.
- Brunel, C. (2014). *Jovens cada vez mais jovens na Educação de Jovens e Adultos*. 3a ed., Porto Alegre: Mediação.
- Constituição Federal de 1998* (1998). Brasília, DF: Senado Federal. 292 p.
- Cunha, A. L. (2012). Algumas reflexões sobre os sujeitos da educação de jovens e adultos. In: Godinho, A. C. F. e Souza, D. N. F. e Fiss, D. M. L. & Dresch, N. L. (Org.). *Entre imagens e palavras: práticas e pesquisas na EJA*. Porto Alegre: Editora Panorama Crítico, p.109-115. Recuperado em 01 de junho, 2018, de https://issuu.com/panoramacritico/docs/entre_imagens_e_palavras.
- Dayrell, J. T.(2015). A juventude e a educação de jovens e adultos: reflexões iniciais-novos sujeitos. In: Soares, L. e Giovanetti, M. A. G. de C. & Gomes, N. L. (Orgs). *Diálogos na educação de jovens e adultos*. (4a ed.) Belo Horizonte: Autêntica.
- Dolto, F. (2004). *A causa dos adolescentes*. (2a ed.) Aparecida: Idéias & Letras.
- Flach, P. Z. S. e Baronio I. M. e Vaz A. L. I. e Bohn, I e Menezes, J e Ribeiro L. P. e Chagas, R. L. & Silva, Z. T. F da (2012). Retratos das múltiplas juventudes presentes na educação de jovens e adultos. In: In: Godinho, A. C. F. e Souza, D. N. F. e Fiss, D. M. L. & Dresch, N. L. (Org.). *Entre imagens e palavras: práticas e pesquisas na EJA*. Porto Alegre: Editora Panorama Crítico, p.58-71. Recuperado em 01 de junho, 2018, de em https://issuu.com/panoramacritico/docs/entre_imagens_e_palavras.
- Gatti, B. A. (2005). *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Brasília (DF): Liber Livro.
- Leão, G. M. P. (2015). Políticas de juventude e Educação de Jovens e Adultos. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia Gomes de Castro; GOMES,

Nilma Lino (Orgs). *Diálogos na educação de jovens e adultos*. (4a ed.) Belo Horizonte: Autêntica.

Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, LDB (1996). Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília, DF, (v. 134, n. 248, Seção I) p. 27834-27841.

Meinerz, C. B. (2009). *Adolescentes no pátio: outra maneira de viver a escola*. Porto Alegre: Ed. Uniritter.